

Elas merecem ser lembradas: feminismo, emoções e memória em rede

Women deserve to be remembered: feminism, emotions and memory in the internet

Ellas merecen ser recordadas: feminismo, emociones y memoria en red

DOI: 10.1590/1809-58442017210

Tatiane Leal

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil)

Resumo

Neste artigo, discuto as interseções entre feminismo, memória e emoções no ambiente virtual da *Internet*. A metodologia consiste na análise das páginas dos projetos *Aurélia* e *Let's Celebrate Women*, que se dedicam a construir uma memória coletiva feminina *online*, reunindo histórias de mulheres inspiradoras, do passado e do presente. O objetivo é problematizar os usos da memória pelos movimentos sociais, em suas constituições identitárias e em suas lutas por reconhecimento, identificando os imbricamentos presentes entre os feminismos contemporâneos e a *Internet*. A partir de uma discussão do conceito de memória, investigo, ainda, as relações entre essas iniciativas e o crescimento de uma cultura do lembrar na contemporaneidade. Na relação entre as práticas de rememoração e as emoções, o direito à memória se estabelece como uma reivindicação primordial das mulheres em suas novas formas de militância.

Palavras-chave: Memória. Feminismo. *Internet*. Emoções. Gênero.

Abstract

In this paper, we investigate the intersections between feminism, memory and emotions in the virtual space of the internet. The methodology consists in analyzing the pages of *Aurélia* and *Let's Celebrate Women* projects, who are dedicated to building an online women's collective memory, gathering stories of inspiring women, from past and present. The intention is to discuss the uses of memory by social movements in their identity constitutions and their struggles for recognition, identifying relations present among contemporary feminisms and the Internet. Based on a discussion of the concept of memory, we investigate also the relationships between these initiatives and the growth of a culture of remembering in the contemporaneity. In the relationship between the practices of remembering and emotions, the right to memory is established as a primary demand of women in their new forms of militancy.

Keywords: Memory. Feminism. Internet. Emotions. Gender.

Resumen

En este artículo, investigamos las intersecciones entre el feminismo, la memoria y las emociones en el espacio virtual de la internet. La metodología consiste en analizar las páginas de los proyectos *Aurélia* y *Let's Celebrate Women*, que se dedican a construcción de una memoria colectiva de mujeres *on-line*, ensamblando historias de mujeres inspiradoras del pasado y del presente. La intención es discutir los usos de la memoria de los movimientos sociales en sus constituciones de identidad y sus luchas por el reconocimiento, para la identificación de imbricamentos presentes entre los feminismos contemporáneos y la *Internet*. A partir de una discusión del concepto de memoria, también investigo las relaciones entre estas iniciativas y el crecimiento de una cultura del recuerdo en la contemporaneidad. En la relación entre las prácticas de recuerdo y las emociones, el derecho a la memoria se establece como exigencia primaria de la mujer en sus nuevas formas de militancia.

Palabras clave: Memoria. Feminismo. *Internet*. Emociones. Género.

Introdução

De Rosa Parks a Anita Garibaldi, de Marie Curie a Coco Chanel, de Simone de Beauvoir a J.K. Rowling. Essas mulheres de épocas e áreas de atuação tão diversas, como a Ciência, a Política, a Moda e a Literatura, possuem algo em comum: elas merecem ser lembradas. Em meio à multiplicação de páginas e de grupos feministas na *Internet*, surgem projetos que se dedicam a construir uma memória coletiva feminina no ambiente da rede, reunindo histórias de mulheres inspiradoras, do passado e do presente.

É o caso do *Aurélia – dicionário ilustrado de mulheres*, projeto criado pela ilustradora Cecília Silveira em junho de 2015. A plataforma *online*, que conta com uma *fanpage* no Facebook (AURÉLIA, 2015a)¹ e uma página na plataforma de *blogging* Tumblr (AURÉLIA, 2015b), cria um índice, em ordem alfabética, de biografias e de ilustrações (Figura 1) de mulheres consideradas importantes, tanto pela autora, quanto pelas mulheres que acessam o *site*. De acordo com a página criada pela brasileira residente em Portugal, que estudou Crítica de Arte e Arquitetura, o objetivo do projeto é “conferir visibilidade, humanizar, valorizar, inspirar, dar protagonismo, empoderar, desestabilizar estereótipos e convenções de gênero, compartilhar e evocar histórias de mulheres através de ilustrações e sucintas biografias” (AURÉLIA, 2015b).

¹ A página tinha 2.364 curtidas no momento da elaboração do artigo.

Figura 1 – A ilustração da líder sindical brasileira Margarida Alves em *Aurélia*. Abaixo do desenho há um resumo de sua biografia e *links* para outros *sites* que possuem mais informações sobre sua trajetória²



MARGARIDA ALVES
(Alagoa Grande, Brasil, 1943 - Alagoa Grande, Brasil, 1983)

Fonte: AURÉLIA, 2015b.

Outra iniciativa semelhante é o *Let's Celebrate Women*³. Criado pela *designer* Fabiana Figueiredo em maio de 2015, o projeto também se dedica a divulgar histórias de mulheres inspiradoras. A biografia, assim como em *Aurélia*, é acompanhada de uma ilustração da homenageada (Figura 2) feita por Fabiana. Além disso, é publicada, em destaque, uma frase da mulher retratada (Figura 3). A partir do *slogan* “As mulheres fazem história, vamos celebrá-las por isso”, a página traz uma nova homenageada todas as terças e quintas-feiras, utilizando as plataformas do Facebook (LET’S, 2015a) e do Tumblr (LET’S, 2015b)⁴. A iniciativa para criar o projeto surgiu a partir do incômodo da autora diante da ausência de mulheres nos livros de História durante os seus anos de educação formal: “Percebi que nós sempre estivemos aí fazendo todo o tipo de coisa incrível, mas não éramos celebradas como os homens. Resolvi tentar ajudar a mudar isso” (GRANDO, 2015).

² Disponível em: <<http://dicionarioaurelia.tumblr.com/m>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

³ “Vamos celebrar mulheres”. Tradução livre.

⁴ A *fanpage* do Facebook é mais atualizada e tem como idioma o português, enquanto o Tumblr utiliza o inglês para as frases e biografias. Por isso, a página do Facebook (1460 curtidas) foi selecionada como base para as análises desse artigo.

Figuras 2 e 3 – A ilustração de cada mulher retratada em *Let's Celebrate Women* – aqui, a atriz transexual norte-americana Laverne Cox⁵ – é acompanhada por uma frase de sua autoria, estampada sobre sua fotografia⁶



Fonte: LET'S, 2015a.

Essas iniciativas surgem em meio a uma onda de efervescência do feminismo. Tanto espaços da mídia tradicional, como revistas, jornais, programas televisivos e *best-sellers*, quanto novos meios de produção de conteúdo, como *blogs* e redes sociais, tornam-se locais de elaboração de uma série de discursos identificados como feministas. Apesar de não utilizarem a palavra *feminismo* em suas descrições, *Aurélia* e *Let's Celebrate Women* se definem como projetos de luta pela igualdade de gênero e pelo empoderamento feminino, inserindo-se, assim, no campo das reivindicações desse movimento social e dialogando com uma série de outras iniciativas, páginas e *blogs* de mulheres que vêm se articulando em torno dessas causas no momento contemporâneo.

Neste artigo, discuto as interseções entre feminismo e memória no ambiente virtual da internet. Constituem o *corpus* de estudo os projetos *Aurélia* e *Let's Celebrate Women*. A metodologia consistiu na análise das páginas virtuais de ambas as iniciativas, buscando identificar: quem são as mulheres escolhidas para serem retratadas, de que forma a questão de gênero atravessa as narrativas dos projetos, quais são as intenções das autoras dos movimentos, que estratégias textuais e imagéticas são utilizadas na construção dos

5 Disponível em: <<http://fb.com/letscelebratewomen/photos/pb.1400767590241266.-2207520000.1455538269./1457552774562747>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

6 Disponível em: <<http://fb.com/letscelebratewomen/photos/pb.1400767590241266.-2207520000.1455538269./1457552854562739>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

discursos e que particularidades as ferramentas utilizadas imprimem a essas formas de lembrar. Como material de apoio, foram utilizadas entrevistas concedidas pelas criadoras dos projetos, encontradas por meio de pesquisa na *web*.

O objetivo é compreender como o direito à memória se estabelece como uma reivindicação das mulheres em suas novas formas de militância e problematizar os imbricamentos sociotécnicos presentes entre esse movimento social e o ambiente midiático da rede. A partir de uma reflexão teórica sobre o conceito de memória, busco entender as relações entre essas iniciativas e o crescimento de uma cultura do lembrar na contemporaneidade, bem como problematizar os usos da memória pelos movimentos sociais, em suas constituições identitárias e em suas lutas por reconhecimento.

Memória e identidade coletiva

Para entender as relações entre o movimento feminista contemporâneo e suas formas de lembrar o passado e de reconstruí-lo no presente, é preciso entender o próprio conceito de memória a partir de uma perspectiva sócio-histórica. A memória está em constante transformação; ela não é apenas uma parte de nosso aparelho cognitivo, uma função biológica, mas constitui uma prática social, profundamente entrelaçada a seu tempo e contexto cultural. Assim, as formas de lembrar revelam, mais do que sobre o passado, aspectos específicos da cultura do presente (RIBEIRO, 2013).

Além disso, a memória ocupou, ao longo da história, um lugar de destaque nos movimentos sociais. O direito de lembrar seus semelhantes configurou-se como uma bandeira de movimentos, como o negro e o feminista, e orientou a luta contra o esquecimento de horrores, como o holocausto e a ditadura militar no Brasil. As práticas de memória, assim, se impõem como um imperativo para diversos grupos sociais (RIBEIRO, 2013).

Para entender o papel da memória na luta das minorias por reconhecimento é fundamental problematizar sua relação com as políticas de identidade na civilização moderna e na contemporânea. Para Halbwachs (1925; 1990), a memória é sempre coletiva, estruturada a partir de pontos de referência partilhados pelos indivíduos inseridos nos mesmo quadros sociais. Mesmo que um acontecimento tenha sido experienciado, teoricamente, apenas pelo sujeito, a forma como essa vivência é apreendida pela percepção, guardada na lembrança e ressignificada a cada evocação desse passado é sempre perpassada por valores, experiências e interlocuções desenvolvidos na coletividade.

Assim, um dos traços que fundam o comum em um grupo social é a existência de uma memória compartilhada. Pollak (1992) ressalta que entre os elementos constitutivos dessa memória coletiva estão os acontecimentos vividos por tabela, ou seja, experimentados pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São memórias herdadas,

transmitidas no processo de socialização gerando alto grau de identificação. Quando os sujeitos se lembram da história de sua nação, de personagens em comum, de acontecimentos que perpassaram diversas histórias de vida, construindo suas histórias individuais em diálogo com essas vivências coletivas, são reforçados seus laços de pertencimento a um grupo e remarcadas as suas fronteiras socioculturais. Em suma, a memória reforça a coesão social, não pela coerção, mas pelo sentimento de pertencimento a uma comunidade afetiva (POLLAK, 1992).

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204, grifo do autor).

Essa relação entre memória e identidade está relacionada ao que vem sendo chamado de *boom da memória* na contemporaneidade (NORA, 1993). Com a erosão das identidades fixas e pré-determinadas (HALL, 2005) e a sensação de aceleração do tempo que caracterizam a modernidade tardia (GIDDENS, 2002), manifesta-se uma crescente *vontade de memória*. A contemporaneidade apresenta, assim, um novo regime de memória marcado pela necessidade de constante rememoração, na busca de estabilidade e de referências identitárias para sujeitos e grupos, em um contexto social marcado pela ruptura e pela constante transformação (NORA, 1993).

Esse processo é intensificado pela democratização da possibilidade de arquivar que vem se intensificando desde a modernidade. A capacidade de produzir registros mnemônicos deixa de se restringir à elite letrada, representada por grupos sociais como a Igreja e o Estado, como ocorria na Idade Média, a partir de uma expansão da educação formal e do letramento.

Hoje, esse processo se amplia, impulsionado por tecnologias como o computador e a *Internet*. Quem decide o que é relevante não é mais somente o jornalista, a empresa de comunicação, o historiador ou o gestor de arquivos e de museus. Qualquer pessoa pode pesquisar, apurar informações, escrever e editar textos, selecionar fotos ou vídeos, organizar esse material em bancos de dados próprios e disponibilizar para o público (COLOMBO, 1991) em diferentes formatos e lugares: em *blogs*, no Facebook, no YouTube, no Twitter, entre outros. Ainda que existam assimetrias no consumo dos conteúdos *online*, atravessados por estruturas de poder e pela presença de grandes empresas de comunicação, há uma ampliação nas possibilidades de emissão e de construção de arquivos.

A Internet e as formas de lembrar: estratégias e potencialidades

Nesse contexto, é fundamental pensar o papel da *Internet* para o desenvolvimento de projetos contemporâneos relacionados à memória, como o *Aurélia* e o *Let's Celebrate Women*. Ambos utilizam os *sites* de redes sociais (SRSs) Facebook e Tumblr como plataforma. Buscou-se identificar as estratégias textuais e imagéticas utilizadas, de modo a discutir as apropriações das potencialidades dessas redes para construir formas de lembrar perpassadas por especificidades desses ambientes virtuais.

Para Recuero (2009), os SRSs são suportes, ferramentas, sistemas e *softwares* que possibilitam a interação entre sujeitos no ambiente *online*. Tanto o Facebook quanto o Tumblr podem ser considerados SRSs, a partir da definição de Recuero (2009), já que articulam redes em torno dos conteúdos compartilhados em suas plataformas ao oferecer ferramentas que permitem interações.

Segundo Polivanov e Santos (2016), a potência do Facebook está na convergência de diversos formatos em suas postagens, como escrita, fotos e material audiovisual, bem como a possibilidade da comunicação não verbal, por meio de *emoticons* e da ferramenta de reações⁷. A convergência é também uma potencialidade do Tumblr, que permite a postagem de conteúdos de formatos múltiplos de forma rápida e acessível (LOPES; PERUYERA, 2010).

A análise revelou que *Aurélia* tem como estratégia o uso combinado da *fanpage* no Facebook e da página do Tumblr de modo que as ilustrações – bastante coloridas e de *layout* semelhante – funcionem como um chamariz para que as histórias das mulheres que merecem ser lembradas sejam conhecidas. No Facebook, a página traz, em cada postagem, apenas a ilustração da mulher representada, acompanhada de seu nome, local e data de nascimento e morte. Abaixo, há um *link* para a página do projeto no Tumblr (Figura 4). Lá a ilustração vem acompanhada de um texto com a biografia da mulher em questão. Os textos apresentam entre um e oito parágrafos (média de 4,32 parágrafos) e trazem informações como a infância, a formação acadêmica, as principais obras e os feitos importantes da personalidade retratada. Abaixo de cada texto há uma série de *links* que remetem para outros *sites* em que podem ser encontradas as fontes utilizadas para a confecção do texto e mais informações sobre aquela mulher (Figura 5).

⁷ Os usuários do Facebook podem ter seis diferentes “reações”, representadas por *emoticons*, a cada postagem: *curti*, *amei*, *haha*, *uau*, *triste* e *grr*.

Figuras 4 e 5 – Em *Aurélia*, a ilustração publicada no Facebook⁸ traz um *link* para a biografia completa da homenageada – aqui, a escritora senegalesa Fatou Diome – no Tumblr do projeto⁹

Aurélia - dicionário ilustrado de mulheres
9 de setembro de 2015

FATOU DIOME
(Niodior, Senegal, 1968)
<http://dicionarioaurelia.tumblr.com/>
Ver Tradução

FATOU DIOME
(Niodior, Senegal, 1968)

Fatou é escritora. Foi criada pela avó e frequentou a escola local, onde aprendeu francês e descobriu sua paixão por literatura francesa. Aos 13 anos de idade deixou Niodior e continuou sua educação em M'Bour. Mais tarde, estudou na universidade do Dakar e para pagar as despesas, trabalhou como governante. Em 1990, casou-se com um francês. Foi viver na França. Divorçou-se dois anos depois. Em 1995, mudou-se para Estrasburgo onde cursou o doutorado em língua francesa e literatura. De 2002 a 2003, foi professora em Marc Bloch University, Estrasburgo, e no Instituto de Pedagogia de Karlsruhe, Alemanha. Em 2001 publicou um livro de contos com o título "La Préférence Nationale". Entre 2004 e 2006, apresentou um programa cultural e literário no canal de televisão France 3 Alsace.

Seu primeiro romance, "Le Ventre de l'Atlantique", foi publicado em 2003 e traduzido para o inglês, alemão, português (pt) e espanhol. O livro conta a história de uma imigrante senegalesa que consegue sobreviver na França, e de sua irmã mais nova que ficou no Senegal e sonha em tornar-se um jogador de futebol na França. Seu segundo romance, "Kéfala", foi publicado em 2006. Em 2008 publicou "Inassouvies, nos vies". Em 2010 "Le vieil homme sur la barque" e "Celles qui attendent".

Fatou aborda a relação França/África, traçando um retrato das dificuldades e da face econômica da imigração, entrelaçando a isto humor, nostalgia e as lembranças da infância no Senegal. Seu trabalho é influenciado pela literatura oral tradicional da África.

Fatou Diome atualmente vive em Estrasburgo, França.

Sua fala sobre a imigração e o discurso da direita na França, num recente programa da televisão francesa, tornou-se viral na internet.

<https://www.youtube.com/watch?v=1e4dan1D0N8>

Mais excertos da fala de Fatou Diome com legendas em português: https://www.youtube.com/watch?v=H_yVUJMAJSA

<https://www.youtube.com/watch?v=3FX7E3DHFQ>

Vídeo completo em francês: <https://www.youtube.com/watch?v=FA5A8ktvV8E>

(Fonte: <http://www.casafria.org/pt/index.php>
https://en.wikipedia.org/wiki/Fatou_Diome)

Fonte: AURÉLIA, 2015a; 2015b.

A análise de *Let's Celebrate Women* revelou também um uso combinado do Facebook e do Tumblr, mas em um formato diferente. Ambas as plataformas associam texto e imagem, mas o Facebook apresenta o conteúdo em português e o Tumblr em inglês, o que permite inferir que o projeto busca ter um caráter internacional. No Facebook, cada mulher selecionada tem duas postagens associadas ela. A primeira é a ilustração, que apresenta uma estética *pop*. Cada ilustração apresenta uma única cor de fundo em contraste com uma borda de outra cor. As cores de fundo mudam entre as mulheres retratadas, mas o *layout* das imagens é semelhante e remete à identidade visual do projeto (Figura 6). A segunda postagem é a imagem de uma frase de impacto de autoria da mulher homenageada sobre sua fotografia em marca d'água (Figura 7).

8 Disponível em: <<https://fb.com/dicionarioaurelia/photos/a.1677972372432784.1073741828.1677960929100595/1704307273132627>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

9 Disponível em: <<http://dicionarioaurelia.tumblr.com>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Figuras 6 e 7: Na página de *Let's Celebrate Women* no Facebook, cada homenageada, como a cientista brasileira Suzana Herculano-Houzel, tem uma postagem com sua ilustração e biografia e outra com uma frase de sua autoria impressa sobre sua fotografia em marca d'água¹⁰



Fonte: LET'S, 2015a.

Como pode ser observado na Figura 7, a ilustração, no Facebook é acompanhada de um texto com a biografia, que apresenta tamanho e elementos semelhantes aos encontrados em *Aurélia*, buscando fazer um resumo das principais realizações da personalidade em questão. O formato do Facebook permite que só uma pequena parte do texto (dois parágrafos) fique em evidência à primeira vista, o que aumenta o potencial viral da postagem, já que ela se apresenta como uma imagem colorida acompanhada de um texto curto. Ao se interessar pelo conteúdo, o usuário pode clicar em “ver mais” e ter acesso ao texto completo. Já a postagem com a imagem da frase é acompanhada de *links* que possam levar a outras páginas que tenham mais conteúdos sobre a mulher retratada, como *sites*, *blogs* e vídeos no YouTube. O uso de *links* é uma estratégia frequente do projeto: quando a mulher retratada possui uma página no Facebook, o nome dela aparece como um *link* para a mesma, como no caso da cientista brasileira Suzana Herculano-Houzel.

¹⁰ Disponível em: <<https://fb.com/letscelebratewomen/photos/a.1422460538071971.1073741829.1400767590241266/1501738740144150>> e <<https://fb.com/letscelebratewomen/photos/a.1422460538071971.1073741829.1400767590241266/1501821193469238>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Por sua vez, o Tumblr de *Let's Celebrate Women* apresenta, em sua página inicial, todas as imagens dispostas lado a lado (Figura 8). Clicar em uma delas leva o usuário ao texto correspondente. Assim, verifica-se, novamente, a estratégia de combinar imagens, textos e *links* para produzir um conteúdo atrativo.

Figura 8 – No Tumblr de *Let's Celebrate Women*, clicar em uma das imagens leva o usuário ao texto com a biografia correspondente, em inglês, e a *links* com mais informações¹¹.



Fonte: LET'S, 2015b.

Pode-se observar que os SRSs Facebook e Tumblr trazem particularidades interessantes para a construção de uma memória coletiva no ambiente virtual, como a possibilidade de combinar textos, imagens atrativas e *hiperlinks*, aumentando o potencial de viralização das postagens e de formação de redes em torno desses arquivos. A possibilidade de que leitoras das páginas contribuam com sugestões de que mulheres devem ser lembradas demonstra, ainda, o que Lévy (2015) conceitua como inteligência coletiva, reconhecendo que a *Internet* possibilita que modos de produção compartilhados atravessem a criação de conhecimentos e o fazer social, que, nesse caso, consiste na produção de uma memória compartilhada.

¹¹ Disponível em: <<http://lcwomen.tumblr.com>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Assim, os projetos *Aurélia* e *Let's Celebrate Women* e sua opção por utilizar SRSs como plataformas dialogam com o incremento de uma vontade de lembrar e de arquivar na contemporaneidade, com as reivindicações do direito à memória como política de construção de identidade pelo movimento feminista e com as possibilidades de produção e de veiculação de conteúdos trazidas pela *Internet*. Além disso, refletem processos contemporâneos para solucionar uma problemática de gênero: a invisibilidade das mulheres na historiografia tradicional.

Memórias de mulheres: emoções e ativismo

Em grande parte da historiografia tradicional, que proporciona as noções compartilhadas sobre o passado das nações e da civilização humana ocidental, as mulheres não ocupam lugares de destaque. No campo da história e dos estudos de gênero, esse incômodo tem levado diversos pesquisadores a rever e a questionar uma noção da História centrada em um sujeito universal masculino (FACINA; SOIHET, 2004).

Associadas ao espaço privado do lar e da família, as mulheres tornaram-se silêncios nos grandes acontecimentos do mundo político: não aparecem nas narrativas sobre as guerras, as invenções científicas e os arranjos políticos que configuraram o mundo moderno. Sua ausência nos documentos oficiais e nos arquivos públicos as confinou, durante muito tempo, ao esquecimento. Foi preciso investigar além desses domínios para encontrar os vestígios da rica vida feminina nos diários, nas correspondências e nos rastros do dia a dia das fábricas, das lavanderias e dos encontros pela cidade (PERROT; 1998; 2010).

Um dos movimentos que motivou essa crítica da grande narrativa histórica foi, justamente, o feminismo. Durante a segunda onda do movimento, nas décadas de 1960 e 1970, as feministas denunciaram as estruturas de poder que tornaram a mulher o segundo sexo, subordinado e confinado no espaço privado. Ao reivindicar que o pessoal é político, o movimento feminista buscava amplificar a voz de um grupo social marginalizado e desprestigiado, reivindicando relevância para seu lugar social (RAGO, 1995/1996).

A partir dos anos 1980, as teorias feministas pós-coloniais questionam a categoria “sujeito feminino” como entidade estável e evidente. Refletindo sobre a mulher oprimida do Terceiro Mundo, essa vertente se pergunta: teria sido o feminismo de segunda onda um movimento europeu-americano de jovens brancas de classe média que, ao buscarem a libertação das *mulheres* como uma categoria única, encararam as próprias demandas como universais? (MCROBBIE, 2006).

Inseridas no contexto dessas reflexões, iniciativas contemporâneas como o *Aurélia* e o *Let's Celebrate Women* utilizam as ferramentas tecnológicas da *Internet* para construir uma memória coletiva feminina acessível, não reescrevendo a história no mesmo formato tradicional, mas pensando novas maneiras de narrar o passado e o presente. Ambos os projetos desestabilizam as narrativas tradicionais sobre que categorias de indivíduos devem ser fixadas na memória coletiva.

Além de ressaltar que as mulheres devem ser lembradas, contrariando a perspectiva dominante, é interessante observar que histórias são escolhidas para serem representadas. Ao todo, 51 mulheres já foram retratadas nos dois projetos – 26 no *Let's Celebrate Women*¹² e 25 no *Aurélia*¹³. O fato de somente três delas (todas estrangeiras) se repetirem nos dois projetos¹⁴ permite inferir que a produção da memória feminina aqui se afasta da ideia de cânone. Não se busca, nesses projetos, o consenso sobre que mulheres merecem ser lembradas. Ao contrário, exploram-se potencialidades para construir uma memória das mais variadas figuras femininas.

Essa abertura se reflete também na pluralidade dos campos de atuação das mulheres selecionadas, com destaque para a emergência da mídia como um espaço relevante para a produção de indivíduos notáveis. Ao lado de figuras emergentes de espaços tradicionalmente atrelados à História, como a Política (Dilma Rousseff), a Ciência (Marie Curie) e a Guerra (Anita Garibaldi), estão escritoras, como a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, cantoras, como a *rapper* brasileira Karol Conka, e atrizes como Laverne Cox, transgênera, negra e estrela da série *Orange is the New Black* (Netflix), e Jamie Brewer, atriz da série *American Horror Story* (FX) e primeira modelo com Síndrome de Down a desfilar no *New York Fashion Week*. Outros campos da vida social, mais ligados às artes, à literatura e à mídia, passam a ser incluídos no projeto de formação de uma memória coletiva de mulheres. Como afirma Margareth Rago:

12 As mulheres retratadas pelo *Let's Celebrate Women* até o momento foram (em ordem de publicação): 1) Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa e escritora francesa; 2) Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana; 3) Chimamanda Ngozi Adichie (1977), escritora nigeriana; 4) Anita Garibaldi (1821-1849), revolucionária brasileira; 5) Laverne Cox (1984), atriz americana; 6) Kathleen Hanna (1968), cantora americana; 7) Liu Yang (1978), astronauta chinesa; 8) J.K. Rowling (1965), escritora britânica; 9) Jamie Brewer (1985), atriz e modelo americana; 10) Marie Curie (1867-1934), cientista polonesa; 11) Coco Chanel (1883-1971), estilista francesa; 12) Chiquinha Gonzaga (1847-1935), compositora, pianista e regente brasileira; 13) Serena Williams (1981), tenista americana; 14) Mary Shelley (1797-1851), escritora britânica; 15) Regina Jonas (1902-1944), rabino alemã; 16) Valentina Tereshkova (1937), astronauta soviética; 17) Artemisia Gentileschi (1593-1653), pintora italiana; 18) Rosa Parks (1913-2005), costureira americana; 19) Hedy Lamarr (1914-2000), atriz e inventora austríaca; 20) Karol Conka (1987), *rapper* brasileira; 21) Ada Lovelace (1815-1852), matemática e escritora britânica; 22) Ursula K. Le Guin (1929), escritora americana; 23) Viola Davis, (1965) atriz americana; 24) Anne Frank (1929-1945), adolescente alemã, vítima do holocausto; 25) Suzana Herculano-Houzel (1972), neurocientista brasileira; 26) Joice Silva (1983), lutadora olímpica brasileira (LET'S, 2015a).

13 As mulheres retratadas pelo *Aurélia* até o momento foram, em ordem alfabética: 1) Alison Bechdel (1960), quadrinista americana; 2) Amelinha Teles (1944), ativista brasileira; 3) Ana Mendieta (1948-1985), artista americana; 4) Angela Davis (1944), ativista americana; 5) Audre Lorde (1932-1992), escritora ativista americana; 6) Cássia Eller (1962-2001), cantora brasileira; 7) Carolina Maria de Jesus (1914-1977), cantora e escritora brasileira; 8) Chimamanda Ngozi Adichie (1977), escritora nigeriana; 9) Chelsea Elizabeth Manning (1987), militar americana; 10) Clara Charf (1925), ativista brasileira; 11) Claude Cahun (1894-1954), fotógrafa francesa; 12) Dilma Rousseff (1947), presidente do Brasil; 13) Estamira (1941-2011), catadora brasileira; 14) Fatou Diome (1968), escritora senegalesa; 15) Gabriela Leite, prostituta e ativista brasileira (1951-2013); 16) Júlia Tolezano (1991), vlogger brasileira; 17) Judith Butler (1956), filósofa americana; 18) Juliana de Faria (1984), jornalista e ativista brasileira; 19) Laverne Cox (1984), atriz americana; 20) Malala Yousafzai (1997), ativista paquistanesa; 21) Margarida Alves (1943-1983), trabalhadora rural e líder sindical brasileira; 22) Maria da Penha (1945), ativista brasileira; 23) Nina Simone (1933-2003), cantora e compositora americana; 24) Rosa Parks (1913-2005), costureira americana, símbolo do movimento negro. 25) Vange Leonel (1963-2014), cantora, instrumentista e ativista brasileira (AURÉLIA, 2015b).

14 A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a atriz transexual norte-americana Laverne Cox e a costureira Rosa Parks, símbolo do movimento negro nos Estados Unidos, foram homenageadas nos dois projetos.

É claro que se as mulheres foram um dos grandes setores excluídos da História, sabemos que não se trata apenas de recuperá-las em todos os grandes feitos, inscrevendo-as disciplinadamente nos espaços deixados em branco na Grande Narrativa Histórica, masculina e branca. As informações, os nomes e os fatos contidos nos documentos históricos são certamente fundamentais. Sem eles, não se tem História. Contudo, também sabemos que não é suficiente refazer todo o percurso já feito, desta vez no feminino. (RAGO, 1995/1996, p.15).

É interessante observar a forte presença de mulheres vivas – são 25 dentre as 48 lembradas (52%). Esse ato de lembrar não só os mortos, mas também os vivos, reforça a opção, neste artigo, de classificar os projetos como de memória, e não de história. Nora (1993, p.9) define a diferença entre os dois conceitos: enquanto a história é uma representação congelada do passado, “(...) a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”, a memória é um fluxo vivo, em permanente transformação, um fenômeno sempre atual e repleto da vitalidade do presente. Ao lembrar, lado a lado, vivas e falecidas, *Aurélia* e *Let's Celebrate Women* evidenciam que o lugar da mulher na sociedade precisa ser reconhecido e transformado em memória das que vieram antes e das que atuam hoje.

Os projetos buscam também dar visibilidade a mulheres que sofrem outros tipos de opressão, além do gênero, sendo ainda mais silenciadas nas narrativas tradicionais, como as mulheres negras, pobres, de terceiro mundo (latinas e africanas), uma transexual e uma mulher com Síndrome de Down. Esse uso da memória para reconhecer o lugar de fala do subalterno busca alterar as estruturas de poder, desestabilizando a linha contínua e homogênea do progresso que, para Benjamin (2011), constrói uma história dos vencedores, invisibilizando os oprimidos.

A emoção emerge como uma questão central nos usos da memória por esses movimentos contemporâneos. Em *Aurélia*, isso fica explícito já na descrição do projeto, em sua página: “Talvez, *Aurélia* não seja bem um dicionário, mas, antes, um espaço para o exercício do afeto. Surge como possibilidade de articular mulheres – ou seja, todo ser humano que assim se anuncia – a volta de histórias inspiradoras de outras mulheres” (AURÉLIA, 2015b).

Assim, de acordo com suas criadoras, são os afetos que determinam o que deve ser selecionado para ser fixado nas páginas virtuais. São eles que, antes de tudo, tornam necessário o exercício de transformar os silêncios do presente em representatividade, organizando uma memória coletiva feminina. Emoções como a raiva, a tristeza e o ressentimento diante da exclusão feminina experimentada ao longo da vida, bem como a esperança e a alegria de lutar pelas próximas gerações, impulsionam a ação desses movimentos virtuais feministas pela memória. Como afirma Fabiana Figueiredo, criadora do “*Let's Celebrate Women*”, em uma entrevista:

Chegou uma época da minha vida em que comecei a sentir muita falta de representação feminina. Eu trabalho em uma área dominada por homens (Fabiana é *designer*), e até meus *hobbies* são inicialmente feitos pelo e para o público masculino (*videogame*, quadrinhos, etc). Isso acabou mexendo um pouco comigo, como se fosse um veneno. Comecei a me perguntar se mulheres eram mesmo inferiores, como ouvia por aí. Mas não precisei pesquisar muito para ver que não. Minha intenção é que nenhuma outra menina se sinta como eu me senti. E se conseguir fazer alguém que pensa que mulheres são inferiores ver a situação de outra forma, já vai valer a pena também. (GRANDO, 2015).

Para Castells (2013), as emoções desempenham um papel essencial na formação dos movimentos sociais contemporâneos. No plano individual, as motivações para se envolver em um movimento são de ordem emocional. Mas para que esse movimento se torne social é preciso que haja um compartilhamento dessas emoções e que os indivíduos se conectem uns aos outros. Isso exige um processo de comunicação de uma experiência individual para outras.

Em termos concretos, se muitos indivíduos se sentem humilhados, explorados, ignorados ou mal representados, eles estão prontos a transformar sua raiva em ação, tão logo superem o medo. E eles superam o medo pela expressão extrema da raiva, sob a forma de indignação, ao tomarem conhecimento de um evento insuportável ocorrido com alguém com quem se identificam. Essa identificação é mais bem atingida compartilhando-se sentimentos em alguma forma de proximidade criada no processo de comunicação. A condição para que as emoções individuais se encadeiem e formem um movimento é a existência de um processo comunicativo que propague os eventos e as emoções a eles associadas. (CASTELLS, 2013¹⁵).

A memória emerge, assim, como um campo de disputa. O trabalho de enquadramento, que visa eleger o que (e como) lembrar e esquecer, é sempre arquitetado a partir de hierarquias e classificações do tempo presente. Os movimentos sociais buscam desestabilizar e desconstruir essas estruturas de poder, criando novos projetos coletivos de memória, inspirando-se no passado e o ressignificando para transformar as representações do presente. Nesse movimento, os indivíduos são atravessados por suas memórias, sempre coletivas e marcadas por emoções.

É importante ressaltar que esses usos da memória são marcados pela temporalidade hegemônica da contemporaneidade (HUYSENS apud RIBEIRO, 2013). Seu formato e sua estética se adequam ao ambiente da rede, marcado pela rapidez e pela superficialidade: textos curtos e dinâmicos, imagens atrativas e *hiperlinks*. Entretanto, não se pode esvaziar o

15 Os livros em formato Kindle não contam com paginação. Deve-se usar a ferramenta de busca para encontrar o trecho citado.

potencial criativo e de resistência dessas iniciativas. Elas engendram práticas inseridas em um tempo social, explicitando tanto suas potencialidades quanto suas tensões e contradições.

Considerações finais

A partir do entendimento da memória como um conceito histórico, marcado pelas potencialidades e pelas contradições de seu tempo social, foi possível perceber as interlocuções entre as práticas em torno do lembrar e movimentos contemporâneos preocupados com as questões de gênero que emergem no ambiente virtual da *Internet*. A memória é, assim, um trabalho do sujeito, que constitui um processo dialético de retomada e de reelaboração constante das experiências passadas em interlocução com as vivências do presente, fornecendo um arcabouço para a constituição da visão de mundo dos indivíduos e dos grupos sociais.

A memória, um fenômeno sempre coletivo, também funciona como uma âncora que confere aos sujeitos identidade e um sentimento de pertencimento a um grupo social que partilha uma série de lembranças, vividas diretamente, experimentadas indiretamente ou herdadas. Ao lutar por uma memória de mulheres importantes, esquecidas pela narrativa histórica tradicional, os projetos *Aurélia* e *Let's Celebrate Women* buscam formar elos entre mulheres dos mais diferentes lugares, idades, classes e demandas em torno de um passado de luta compartilhado, marcado por personagens que tiveram seus feitos e suas personalidades dignas de serem destacadas na lembrança.

Assim, a memória se configura como um campo de luta política, na medida em que funciona como um instrumento para reescrever o passado, a fim de transformar o que é marcado como digno de ser lembrado no presente. Os projetos analisados neste artigo podem ser entendidos como tentativas de estabelecer e de compartilhar uma memória coletiva, em um contexto de efervescência feminista, que forneça um arcabouço sólido para a formação de uma comunidade feminina que luta por reconhecimento e igualdade na contemporaneidade. Ao preencher os silêncios femininos na *web*, busca-se fortalecer uma comunidade afetiva em torno de uma memória coletiva de narrativas biográficas de empoderamento.

Por fim, a relação entre memória e emoções revelou-se como um aspecto central dos projetos analisados. As autoras dessas iniciativas fazem um uso da memória como forma de pedagogia, ensinando concepções de feminismo a partir das próprias vivências, atravessadas pelas obras e pelas histórias de vida das mulheres que, para elas, merecem ser lembradas. A partir do compartilhamento de emoções, as narrativas passadas funcionam como canais de inspiração e de empoderamento para as mulheres contemporâneas. O direito à memória se estabelece, assim, como uma reivindicação primordial do feminismo em algumas de suas novas formas de militância.

Referências

- AURÉLIA. **Facebook**, 2015a. Disponível em: <<https://fb.com/dicionarioaurelia>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- AURÉLIA. **Tumblr**, 2015b. Disponível em: <<http://dicionarioaurelia.tumblr.com>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. E-book.
- COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e memória: algumas reflexões. **Gênero**. Niterói, v.5, n.1, p.9-19, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GRANDO, Nina. Let's celebrate women! **Ovelha**, 02 jul. 2015. Disponível em: <<http://ovelhamag.com/lets-celebrate-women/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1925.
- _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LET'S celebrate women. **Facebook**, 2015a. Disponível em: <<https://fb.com/letscelebratwomen>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- _____. **Tumblr**, 2015b. Disponível em: <<http://lcwomen.tumblr.com>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2015.
- LOPES, Gustavo G. da M. C.; PERUYERA, Matias S. A Plataforma Tumblr Como Uma Nova Ferramenta Para o Gatewatcher. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER. Rio de Janeiro, 2010. **Anais...**
- MCRORBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. **Cartografias Estudos Culturais e Comunicação**, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbe_posfeminismo.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, dez. 1993.
- PERROT, Michele. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998
- _____. **Os excluídos da história**: operários, mulheres, prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

POLIVANOV, Beatriz; SANTOS, Deborah. Términos de relacionamento e Facebook: desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p.179-198.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-modernidade no Brasil. **Cadernos do arquivo Edgar Leuenroth**, Campinas, n.3/4, p.11-43, 1995/1996.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Entretenimento, felicidade e memória**: forças moventes do contemporâneo. Rio de Janeiro: Anadarco, 2013, p.65-84.

Tatiane Leal

Professora Substituta do curso de Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Doutoranda e mestra em Comunicação e Cultura e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRJ. Bolsista CNPq. Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES) e da divisão temática IJ Interfaces Comunicacionais no Intercom Júnior, evento componente do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. E-mail: tatianeclc@gmail.com.

Recebido em: 13.10.2016

Aceito em: 05.07.2017